

PERÍODO PRÉ E PÓS-REVOLUÇÃO CUBANA: DO ROMPIMENTO DO CAPITALISMO E SUAS ESTRUTURAS DE EXPLORAÇÃO ATÉ O ESTABELECIMENTO DO SOCIALISMO E O AFASTAMENTO DAS RELAÇÕES POLÍTICO-ECONÔMICAS COM OS ESTADOS UNIDOS

MARCOS JESUS DE SANTANNA²⁹⁴

Resumo: Os Estados Unidos se valeram de décadas de exploração de material humano e recursos naturais cubanos, principalmente o açúcar. O governo de Fulgencio Batista foi marcado por uma grande crise social e uma alta concentração de renda devido ao pouco retorno financeiro aos trabalhadores e a alta taxa de desemprego. Havia uma necessidade de modernização da ilha, já que a relação com os Estados Unidos obrigava Cuba a se manter numa economia colonial. A Revolução Cubana estabeleceu o enfrentamento à hegemonia mundial e consequentemente foi vítima de represálias econômicas, mas não foi o suficiente para o governo cubano retroceder. Os Estados Unidos realizaram uma enorme intervenção no continente e impôs um embargo econômico a ilha.

Palavras-chaves: Estados Unidos; Revolução Cubana; Concentração de Renda; Colonial; Embargo.

1. INTRODUÇÃO

A Revolução Cubana trouxe uma visibilidade grandiosa para um pequeno país do Caribe e uma importância internacional para a ilha que transcendeu qualquer prognóstico anterior aos fatos que culminaram no êxito da revolução. Muitos consideram Cuba como o maior exemplo e o mais próximo a conseguir o status de país socialista, sendo assim, o propósito desse trabalho é estabelecer as relações políticas e econômicas entre Estados Unidos e Cuba, a fim de elucidar quais as diferenças ocorreram no período dos anos 50 e 60, pré e pós-Revolução Cubana. Será importante elucidar como os Estados Unidos influenciaram Cuba economicamente durante o governo de Fulgencio Batista e sua derrocada nessas relações após a Revolução.

As relações políticas entre os dois países já são conhecidas, mas, de que maneira os Estados Unidos tentaram intervir no processo político-administrativo de Cuba e quais foram os pontos que desagradaram ambas as partes para que as relações entre os dois ficassem tão conflituosas.

²⁹⁴ Graduação em Relações Internacionais pela Universidade Federal de São Paulo, e em Medicina Veterinária pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (2010). E-mail: marcosantanna0312@gmail.com

A importância desse trabalho se dá ao colocar à tona quais tipos de parcerias econômicas os Estados Unidos estabeleceram como primordial, a ponto de exigir o mesmo comportamento dos países do mundo inteiro, assim como, a forma com que afeta as relações econômicas e diplomáticas entre as nações.

2. PERÍODO PRÉ-REVOLUÇÃO

Devido a crises do açúcar no mundo, Cuba se tornou um grande celeiro de investimentos para captação desse produto. Os empresários estadunidenses eram proprietários de grandes porções de terra na ilha, sendo assim, a riqueza produzida no país era quase toda deslocada para o exterior. Se tratava de uma prática que visava o enriquecimento desenfreado da classe burguesa e apenas a exploração da classe trabalhadora.

As práticas especulativas e de extorsão empregadas em Cuba, pela iniciativa privada e oficial, são conhecidas e comuns. O que espanta são a envergadura e o cinismo, que nos fazem meditar sobre o significado do neocolonialismo imperialista. Empresários, especuladores, aventureiros, militares, políticos, embaixadores e assessores, todos lembram *robber barons* devotados à drenagem de riquezas de Cuba para os Estados Unidos, como molas propulsoras de uma gigantesca acumulação de capital, que ajudou a alimentar a transformação dos Estados Unidos na maior potência imperialista da atualidade. (FERNANDES, 2012)

O lucro que Cuba teria com açúcar e minérios na pré-Revolução nunca se voltou para a população da ilha, e sim, para um ciclo de exploração e aprofundamento das desigualdades sociais. Os grandes proprietários de terras eram responsáveis por explorar a população, após isso, os lucros eram devolvidos aos Estados Unidos por conta de um ciclo econômico que privilegiava os bancos estrangeiros e os grandes empresários no país. O número de desempregados e cortadores de cana num nível de trabalho análogo à escravidão eram visíveis e as condições de trabalho eram péssimas.

podemos constatar que, nos anos 1950, uma estrutura de posse da terra caracterizada pela concentração de terra mostrava que 57% da terra estavam em mãos de 3% dos proprietários, enquanto 78,5% (cerca de 126 mil ocupantes com menos de 5 hectares de terra) possuíam só 15%; e 40% deles em condição de arrendatários, subarrendatários, parceiros ou precaristas. sobre essa estrutura, sustentava-se uma sociedade rural de assalariados, camponeses e desempregados agrícolas, tão explorados como precários (PAZ, 2011)

Uma das características relacionadas ao governo de Fulgencio Batista foi o desemprego crescente, muito atrelado a mão-de-obra barata advinda do campo e dos imigrantes haitianos e jamaicanos, o que também reescreveu a história étnica recente da ilha. Segundo Florestan Fernandes: “miséria, fome, doença, falta de instrução etc. Não se tratava de um “fenômeno incipiente” e transitório. Essa era uma das estruturas coloniais persistentes e ela só seria eliminada depois de 1959” (FERNANDES, 2012, p. 79).

De fato, com o apoio dos países latino-americanos aos Estados Unidos, na Segunda Guerra Mundial e o reconhecimento da grande influência estadunidense nas relações econômicas no mundo, havia um alinhamento natural com os Estados Unidos no pós-guerra, ainda mais se tratando de Cuba, que já tinha um alinhamento histórico com o país. Isso acontecia tanto pela proximidade geográfica quanto pelos interesses estadunidenses na exploração da ilha.

Até a década de 50, os Estados Unidos promoveram um atraso gigantesco no desenvolvimento científico e tecnológico de Cuba, através de sua política de exploração e da dependência da exportação de

produtos primários. A agricultura era a única forma de levar riqueza ao país, sendo assim, não configurava interesse exterior no desenvolvimento da ilha. Isso se explica dentro da Teoria da Dependência, nela fica exposta a necessidade de romper com o capitalismo, sair da visão etnocêntrica europeia e estadunidense, além de promover reformas como a agrária e a distribuição de renda. Na teoria da dependência, o subdesenvolvimento dos países periféricos se torna primordial para o estabelecimento da riqueza dos países desenvolvidos, ou seja, os países mais pobres servem de alicerce para o manutenção da riqueza dentro do sistema capitalista. Apenas o rompimento com essa estrutura traria justiça social. Um dos formuladores da teoria da dependência é Celso Furtado, segundo ele:

o crescimento econômico na América Latina tenderia à estagnação, em virtude da forte concentração da renda e da propriedade fundiária que bloqueavam a expansão do mercado interno. Considerava, então, que a redistribuição de renda – por meio da reforma agrária, tributação progressiva etc. – seria fundamental para ampliar o mercado interno e dinamizar as economias da região. (FURTADO, 2000)

O aspecto colonial de Cuba permaneceu até a revolução de 59, porque a periferia de Havana e de Santiago de Cuba continuavam em consonância com o período colonial, mais ainda, o interior de Cuba vivia sob uma precariedade de recursos e desenvolvimento que faziam dessas regiões uma porção atrasada em relação ao resto do mundo. A monotonia e a falta de oportunidades no interior de Cuba fizeram com que grande parte da população se alinhasse aos revolucionários.

A servidão e a impossibilidade de ascensão social culminaram na rebelião do povo cubano, mas nem a alta do investimento para a produção de outros bens, além de açúcar e gado, deixaram Cuba menos desigual, ao contrário, eram apenas dados que corroboravam para a estratégia estadunidense de dominação e sustentação do sistema capitalista, já que era necessária uma estabilidade econômica da burguesia. Para entender melhor esse período, Perez-Stable retratou em números os dados de bens de consumo e de bens capital, no ano de 1956: “la importación de bienes de consumo disminuyó al 36% del total mientras que la de bienes capital e intermedios aumentaron hasta alcanzar el 64%. Las inversiones de capital en el sector azucarero iban en aumento”. (PEREZ-STABLE, 1993)

Ao contrário do que imaginava o governo estadunidense, Cuba não vivia uma estabilidade política, porque as revoltas ainda eram muito recentes e a possibilidade de revolução estava se afluando cada vez mais nos sentimentos dos descontentes com o sistema. O golpe de Fulgencio Batista só acendeu ainda mais a gana de uma organização revolucionária, a partir dali o Movimento 26 de Julho surgia em 1954, abarcando reivindicações de diferentes formas e contextos de diversas linhas ideológicas diferentes.

A revolução nunca pretendeu abraçar o comunismo soviético, mesmo havendo líderes e combatentes com ideologia voltada ao marxismo, segundo Santos: “A revolução só foi declarada como socialista em abril de 1961, após a invasão da Praia Girón e a ruptura definitiva de relações com o governo dos Estados Unidos” (SANTOS, 2013). A revolução deveria ocorrer por conta da justiça social e não necessariamente pela revolução marxista/comunista. Os embargos realizados pelos Estados Unidos acabaram decretando a busca por uma solução mais tangível de abraçar, mas evidente que a postura retórica de alguns membros estabeleceu os rumos da política cubana a partir dali. Che Guevara, por exemplo, tinha embates políticos ferrenhos com René Ramos Latour, que mais tarde se tornaria um dos líderes do Movimento 26 de Julho, já que Che era declaradamente direcionado à ideologia marxista e René Ramos Latour era um social-democrata.

Che em uma carta de 14 de dezembro de 1957, afirmava a René Ramos Latour: Pertencço, devido a minha formação ideológica, àquele grupo que acredita que a solução para os problemas do mundo reside atrás da Cortina de Ferro. (...) Havia também nacionalistas democráticos como Huber Matos, Felipe Pazos e Mario Llerena, que acreditavam no restabelecimento da Constituição de 1940 e na continuidade da vida democrática capitalista de Cuba. (...) Por outro lado, havia também radicais anti-imperialistas que negavam tanto o domínio estadunidense quanto o domínio russo, como Carlos Franqui, Frank País, René Ramos Latour. Entre eles permeavam posições que apontavam uma crítica tão feroz ao comunismo soviético quanto ao capitalismo, forjando, ainda que de forma vaga e ampla, uma noção de "socialismo democrático anti-soviético". (SADDI, 2009)

Pode-se afirmar que a maioria dos membros do Movimento Revolucionário era contrária ao viés soviético, inclusive, grande parte da imprensa norte-americana acreditava na democratização burguesa da ilha. De fato, parte da imprensa estadunidense se encontrava em Cuba durante a celebração da revolução, afinal, era a queda de um regime ditatorial. Fidel Castro discursou nos Estados Unidos negando ser uma Revolução comunista, mas o que os Estados Unidos pretendiam já estava derrubado, não havia assim o porquê dos Estados Unidos apoiarem o governo revolucionário se não havia mais o caráter econômico exploratório. O governo estadunidense queria o poder da ilha, mas a partir dali teriam que se contentar com uma relação igualitária, que jamais seria aceito por um país imperialista.

A URSS atingiu seu ápice de seu prestígio após a guerra, a ponto da tendência mais esperada ser a vitória internacional do socialismo, aumentando o receio da principal potência capitalista da época, os Estados Unidos (...) Martínez Heredia considera que um dos grandes motivos foi o fato da URSS, por razões estratégicas de Estado, ter cedido demasiado numa questão central para os socialistas: a necessidade da internacionalização da revolução. (SOARES, 2008, p. 68)

Esse argumento antissoviético se justificava pelo posicionamento de muitos integrantes do Movimento 26 de Julho, que renegavam veementemente renderem-se ao imperialismo soviético, não abandonando o anti-imperialismo estadunidense, aliás, havia combatentes que sequer se colocavam como anti-imperialistas, pois, acreditava-se que os Estados Unidos podiam continuar sendo um aliado forte de Cuba. Ao que tudo indica, a única consonância entre todos eles, era o descontentamento com a política social cubana.

Essa adaptação à situação cubana tem um significado bastante profundo. Grande parte dos rebeldes cubanos, como os membros da Direção Nacional do Movimento, tinham noções anticapitalistas e foram de uma forma ou de outra influenciados pela leitura marxista. Entretanto, a maior parte deles era profundamente contra a via russa do socialismo. (SADDI, 2009, p. 48)

Cuba é uma pequena ilha, sendo assim, muito vulnerável a crises mundiais e formações de novos mercados no capitalismo. Os assalariados e os desempregados ficaram cada vez mais descontentes com os rumos sociais do país, não se tinha perspectivas de melhoras e não havia possibilidades de ascensão social. Segundo Fernandes "Nasciam, assim, motivações coletivas que operavam como equivalentes do patriotismo e do nacionalismo, malgrado tudo que se possa dizer de negativo sobre a apatia política das massas e a falta de padrões de cultura cívica." (FERNANDES, 2012, p. 83)

3. Período pós-revolução

A Revolução Cubana, na verdade, se tornou um modelo para outras nações. O que grupos políticos de países pensaram e sonharam, Cuba tornou o que era quase uma utopia em realidade, pois, enfrentaram o "hegemon" de sua era. Dentro de todas as possibilidades não se pode admitir em uma análise mais profunda o insucesso desse evento histórico. Cuba passou de uma nação coadjuvante mundial e regional, para ser um exemplo a ser seguido no mundo, e claro, para outros analistas menos progressistas, um exemplo que jamais deveria ser repetido. O certo é que a América Latina passou a ser um centro de atenção estadunidense quanto a possibilidade de alinhamento a outra grande potência da época, o que trazia alternativas maiores em relação a simples subordinação imperialista.

O padrão colonial só começou a ser mudado a partir da Revolução Cubana, por conta de leis que amparavam as classes menos favorecidas do país.

A lei de 17 de maio de 1959 deu igual importância ao incentivo do desenvolvimento econômico e a erradicação da miséria. Ela previa, de um lado, o estímulo à indústria e à iniciativa privada, e, de outro, o amparo aos pequenos camponeses, aos trabalhadores sem terras e às cooperativas agrícolas. (FERNANDES, 2012, p. 171)

Quando Cuba se voltou politicamente para a União Soviética, os Estados Unidos passaram a perder influência e dinheiro que advinha da exploração do povo cubano. Segundo Dominguez: "Em 1959, a participação de Cuba no mercado de açúcar tinha caído para 33% e as importações originárias dos Estados Unidos representavam 75% do total" (DOMINGUEZ, 1986). Por isso, a intenção do novo governo cubano era diversificar a economia e industrializar o país, isso aconteceu em 1960, quando houve a nacionalização de empresas estrangeiras, como retratou Durães e Maia: "Em 1960, Fidel Castro anunciou a nacionalização de todas as propriedades norte-americanas no país (e, em especial, as usinas de açúcar)" (DURÃES, 2009). Há uma grande confusão na análise do socialismo no mundo, onde leigos disseminam a precariedade da indústria nos países socialistas, ao contrário, o estímulo a indústria e a modernização é um preceito básico para o desenvolvimento dos países socialistas.

A reforma agrária em Cuba foi uma preocupação estadunidense, já que os empresários, banqueiros e investidores iriam perder suas terras ou fontes de renda à base da exploração do trabalhador. Na impossibilidade do impedimento da reforma, os Estados Unidos reivindicaram um bônus para os proprietários de terras, o que não ocorreu. Quando se visita Cuba, uma das informações que mais choca os visitantes é que a população que pagava aluguel passou a ser proprietária do imóvel a qual locava. Esses aspectos pós-revolução caracterizaram esse período pela aquisição de direitos adquiridos pelo povo a partir da lei.

Em junho de 1960, a Texaco nega-se a refinar o petróleo soviético. Posteriormente, a Esso e a Shell fazem o mesmo (...) Em julho, o governo dos Estados Unidos reduz a cota de importação de açúcar cubano em 95% (...) Em agosto, o governo cubano nacionaliza as empresas estrangeiras e suas propriedades rurais. Em outubro, nacionaliza as empresas privadas nacionais... Em 3 de janeiro de 1961, os Estados Unidos rompem relações diplomáticas com Cuba. (AYERBE, 2002, p. 132)

Essa sequência de acontecimentos pós-revolução revela o ressentimento estadunidense quanto aos avanços sociais que o governo cubano havia conseguido. O combate à miséria, por conta da distribuição de renda estava se concretizando, mas por via da descapitalização dos grandes empresários ligados ao governo estadunidense, ou seja, os Estados Unidos estavam perdendo dinheiro. Isso acarretou no bloqueio econômico a Cuba.

Em fevereiro, os Estados Unidos decretam o bloqueio econômico do país, o que inclui a proibição de todas as importações de produtos de origem cubana ou importados por Cuba (...) Em março, estendem a proibição à importação de produtos fabricados em qualquer país, que contenham total ou parcialmente produtos de origem cubana. (AYERBE, 2002, p. 133)

Haviam os empresários estrangeiros e a minoria burguesa cubana, que de alguma forma também lucravam com a exploração da mão-de-obra cubana. Esses, obviamente estavam descontentes com os rumos da política econômica do país, assim, muitos fugiram para os Estados Unidos, formando um grupo político, no qual, décadas mais tarde se revelaria importante na perpetuação do embargo econômico à ilha.

A economia colonial era um grande trunfo para os Estados Unidos manterem sua influência sobre o país, sendo assim, após a Revolução houve uma tomada do investimento em educação, ciência e tecnologia agrária, essa última se justificava pela característica dos recursos de Cuba. A ilha continuou o investimento em produtos primários, mas dessa vez tomou uma postura diferente dos governos anteriores, já que passou a mecanizar sua estrutura de produção e alcançar uma eficiência maior. Cuba também passou por um processo difícil de emigração de comerciantes, técnicos e industriais, o que forçou o governo a reconstruir quase do zero uma estrutura tecnificada que sustentasse a economia por meio de mão-de-obra qualificada. Essa escassez de mão-de-obra também explica a necessidade do investimento em educação básica e superior.

La clase de los propietarios de las empresas industriales, comerciales y agrícolas grandes y medianas, desapareció; los banqueros y los demás elementos ligados al modo de producción capitalista neocolonial, desaparecieron. La mayoría de ellos y sus constelaciones cercanas emigraron, y de los intermediarios, los políticos y otros beneficiarios del sistema; también emigró una parte de los profesionales y técnicos, y otras personas de sectores medios y bajos de la sociedad. Pero muy amplios grupos calificados, empleados y de sectores medios, junto a la mayoría de los elementos de las clases y grupos populares, se integraron a las tareas económicas, sociales y políticas de la revolución con gran dedicación y entusiasmo. (HEREDIA, 2001, p. 18-19)

Mesmo com o embargo e a elevada taxa de emigração, Cuba conseguiu nos primeiros anos conquistas sociais no mercado de trabalho. Com um projeto para satisfazer às necessidades da população mais pobre, o fim da propriedade privada e a participação popular levaram a ilha à condição de pleno emprego já no ano de 1963.

Pero al quinto año (1963) se llegó al pleno empleo, se restablecieron nexos básicos como el de la ciudad y el campo, funcionaban las instituciones económicas y se discutían públicamente los problemas fundamentales de un desarrollo autónomo del país, de las prácticas y los principios del sistema económico y del papel de la economía en un país en transición socialista. (HEREDIA, 2001, p. 19-20)

Nos anos sessenta, Cuba passou por uma década de pouco crescimento econômico, já que o embargo impossibilitava a consecução do governo em tecnificar a agricultura e desenvolver a indústria. Foi necessária uma estratégia de alinhamento a uma das superpotências da época, sendo assim, a União Soviética passou a ser uma via essencial para a entrada de recursos financeiros e um novo mercado para o estabelecimento de seu comércio. Os Estados Unidos insistiam em bloquear o comércio na ilha e qualquer tentativa de retorno a uma relação amigável pelo governo cubano fracassava. Com crescimento médio de 3% na década, número inexpressivo frente à conjuntura econômica mundial da época, Cuba inclinou-se

para o socialismo soviético.

Mas a revolução, apesar de suas vitórias, não decolava. Na primeira década da revolução, a média de crescimento ficou em torno de 3%, pouco diante do necessário para desenvolver sua indústria e diversificar sua agricultura. Ficou cada vez mais evidente que o país, para deixar de ser dependente dos Estados Unidos, precisava se aliar ao outro sistema dominante, o soviético. Esse processo, entretanto, não ocorre de forma imediata. A aproximação é lenta e ocorre em dois planos, no plano interno, com a reordenação do sistema político e administrativo cubano, e no plano externo. (MARTINS, 2015, p.2)

Nessa conjuntura política, que em 1965, o Partido Comunista de Cuba (PCC) foi fundado, atrelado também ao acordo firmado entre Estados Unidos e União Soviética após a Crise dos Mísseis em 1962. Nesse momento, Cuba avisou ao mundo que a Revolução era socialista, mas também se tornava um marco na Guerra Fria, pois passou das mãos do imperialismo estadunidense para um jogo de interesses da União Soviética. A partir daquele momento, a ilha se tornava um centro influenciador das ideias comunistas, mas de certo, contribuiu para discussões sobre o imperialismo estadunidense e suas formas de dominação e perpetuação da pobreza na periferia do mundo. Cientistas políticos e intelectuais contestavam esse processo de desigualdades e injustiças e influenciaram grande parte das populações das periferias a mudarem essa conjuntura política vigente.

No plano externo, a fundação do PCC foi o primeiro sinal claro de aproximação do regime cubano à matriz socialista soviética. Desde a tentativa de cooperação militar na ocasião da Crise dos Mísseis, esse foi o maior gesto de aproximação entre as duas nações. (MARTINS, 2015, p. 8)

Não obstante, o alinhamento com a União Soviética acompanhou diversos benefícios à ilha. Cuba precisava de investimentos e aportes financeiros para sua sobrevivência, sendo assim, a União Soviética comprava quase todo o açúcar e outros produtos produzidos pela ilha. Enquanto isso, Cuba conseguia petróleo da União Soviética por um preço bem abaixo do valor real. Além disso, a cultura soviética estava presente no país com um aporte grande de livros e notícias que eram veiculadas nos jornais e revistas.

Comento al menos que la relación con la URSS significó para Cuba contar con aportes muy valiosos para la sobrevivencia, la satisfacción de necesidades sociales, el funcionamiento de la economía, la defensa, la formación de técnicos y algunos otros rubros. La relación ayudó a aminorar los efectos nocivos de la agresión norteamericana y de la condición «subdesarrollada», pero era imposible que fuera un factor favorable al desarrollo sostenido y autónomo de Cuba. (HEREDIA, 2001, p. 26)

4. EMBARGO

Em 1961, o embargo econômico se concretizaria. Os Estados Unidos fizeram um cerco às pretensões cubanas de se afastar do seu imperialismo, e Cuba começou a sair de uma era colonial e se colocaria como propulsora de uma era mais moderna. Cuba estava atrasada, defasada e sua população vivia na miséria. As mudanças econômicas trouxeram ao povo cubano ganhos evidentes e rápidos, o que fez com que a população aumentasse o apoio à Revolução.

Os Estados Unidos deram uma resposta ao sucesso da Revolução Cubana. Não era nada interessante para os Estados Unidos perder sua influência na região, além disso, a presença russa mais perto

de seu território era um problema, pois o mundo vivia os tempos da Guerra Fria. Estados Unidos e União Soviética disputavam uma corrida para estabelecer suas hegemonias no planeta.

A partir da fracassada invasão da Baía dos Porcos, a relação dos Estados Unidos com Cuba e o restante dos países da América Latina mudou de forma radical. No caso de Cuba, as relações econômicas cessaram, até porque, o governo dos Estados Unidos só aceitava relações econômicas do tipo colonial exploratório. Os Estados Unidos estavam acostumados a tratar Cuba como se fosse seu quintal de negócios, não se admitia outra forma de relação. Essa dificuldade na aceitação de uma nova forma de gerenciamento político da ilha levou os Estados Unidos a se rebelarem com a possibilidade de perder investimentos e recursos advindos dos países do sul, sendo assim, era necessário isolar Cuba e mostrar que a Revolução havia sido um erro para a ilha. O programa da Aliança para o Progresso foi criado com esse objetivo. Segundo Ayerbe “O programa da Alpro é apresentado na reunião da OEA em Punta del Este, em agosto de 1961 (...) Os recursos prometidos para atingir esses objetivos ascendem a 20 bilhões de dólares ao longo de dez anos”. (AYERBE, 2002, p. 118-119)

Houve muitas críticas do governo cubano ao plano, pois claramente não se separava o teor econômico do político. Tudo seria uma desculpa para frear o exemplo cubano no continente. A principal reclamação do governo cubano era de que não havia mudanças estruturais. A voz dos representantes da ilha era tão estrondosa dentro da OEA, que Cuba foi expulsa da Organização, não por acaso, a esquerda no continente estava crescendo exponencialmente, mas não necessariamente no número de governos socialistas, mas nas pautas que eram reivindicadas com um cunho muito mais social que econômico.

La Alianza para el Progreso, creada en 1961 para realizar el programa enunciado en la Carta de Punta del Este, no fue sino una operación de tipo contrarrevolucionario (...) Esta fue la primera operación pública, de ámbito continental, por medio de la cual los gobernates de los Estados Unidos y de América Latina demostraron que estaban capitalizando, en forma activa y organizada, la experiencia resultante del éxito de la revolución en Cuba. (IANNI, 1973, p. 43)

Cuba passou a nacionalizar terras de propriedade estadunidense em seu território, o objetivo era fortalecer o Estado e distribuir terras para a população. A reforma agrária foi o ganho mais visível do ponto de vista social da ilha e a produção deixou de ser oligopolizada. Os Estados Unidos, que detinham por direito essas terras não concordaram com essa expropriação de terras, sendo assim, partiu para o embargo contra o governo cubano. A intenção estadunidense era manter seus domínios de influência na ilha, já que a reforma agrária e a justiça social não lhe interessavam, pois perderia capital e veria um inimigo política próximo de seu território.

Apesar de os Estados terem a prerrogativa soberana de nacionalizar bens privados nacionais e estrangeiros, as políticas de reforma agrária e de desapropriações desagradavam os grandes proprietários cubanos e estadunidenses, que não aceitavam as condições de indenização propostas pelo governo cubano. (MOREIRA *et al.*, 2010)

Os Estados Unidos ferem direitos internacionais, por renegar uma postura que ele próprio manifestou, pois, colocando o embargo como solução para espremer Cuba economicamente só reproduz a retaliação a Cuba por ter decidido nacionalizar as propriedades de empresários estadunidenses após a revolução. Cuba tentava sair de uma situação econômica subalterna que promovia a desigualdade, o atraso e a miséria, enquanto isso, os Estados Unidos tentavam derrubar o governo cubano pela coerção e força. Na resolução 2131 da Assembleia Geral da ONU decorre o seguinte excerto:

Nenhum Estado tem o direito de intervir, direta ou indiretamente, por qualquer razão que seja, nos assuntos internos ou externos de qualquer outro Estado. Consequentemente, intervenções armadas ou qualquer outra forma de interferência ou tentativa de ameaça contra a personalidade do Estado ou contra seus elementos políticos, econômicos ou culturais, são condenados. (SLOBODA, p. 92, 2015)

5. CONCLUSÃO

Cuba se via refém da exportação de açúcar e teve no seu desenvolvimento tecnológico a chave para modernizar sua produção e investir em outras áreas, como a bovinocultura. O acesso à educação de qualidade e destinada para todas as camadas da sociedade introduziu possibilidades de acesso ao nível superior e potencializou a ciência e tecnologia na ilha.

O embargo econômico inserido com um viés político intervencionista proferido pelos Estados Unidos impediu diversos avanços sociais e econômicos que limitou o avanço de Cuba a índices ainda mais relevantes do que tem apresentado ao longo das décadas. Atrelado ao fim da União Soviética e a perda de apoio financeiro, Cuba acabou se transformando num grande polo turístico, incentivado pelo governo cubano a partir dos anos noventa.

A via socialista se tornou viável por conta da pujança de pensamentos ideológicos de parte dos líderes revolucionários e pelo cenário político dos anos sessenta, onde os Estados Unidos tentaram destruir o progresso de Cuba após a nacionalização de empresas estadunidenses e a mudança de comportamento frente ao imperialismo que acarretava em desigualdades sociais elevadíssimas dentro da ilha.

As pressões pela continuidade do embargo econômico se deram pelos conservadores no congresso estadunidense e pelos imigrantes e filhos de imigrantes que passaram a ter representatividade no quadro político dos Estados Unidos. A aceitação de cubanos descontentes com a política socialista de Cuba no território estadunidense surtiu efeito quanto à resistência de uma possível concordância com o sistema político adotado pela ilha a partir da revolução de 1959.

Nem os esforços de parte dos integrantes do Partido Democrata dos Estados Unidos fizeram cessar por completo o embargo econômico. Apesar da tentativa de aproximação expressada pelo governo de Barack Obama e a abertura para a exportação de alimentos para ilha no governo de George W. Bush, Cuba ainda hoje é vítima de uma política imperialista que descarta as nações que se recusam a entrar no seu jogo de injustiça social e intolerância política e cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AYERBE, Luis Fernando. *Estados Unidos e América Latina: a construção de hegemonia*. São Paulo: UNESP, 2002.
- DOMINGUEZ, Esteban Morales; DUARTE, Hugo Pons. *Embargo o bloqueo? compensación?: aspectos económicos del conflicto bilateral Cuba-Estados Unidos*. Universidad de La Habana, Depto. de Investigaciones sobre Estados Unidos, 1986.
- DURÃES, Bruno José Rodrigues; MATA, Iacy Maia. Cuba, os afro-cubanos e a revolução: passado e presente Bruno José Rodrigues Durães. *História Social*, n. 17, 2009.
- FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- FURTADO, Celso. Desenvolvimento e subdesenvolvimento. En: *Cinquenta anos de pensamento na CEPAL*. Rio de Janeiro: Record/CEPAL, v. 1, 2000.
- HEREDIA, Fernando Martinez. *El corrimiento hacia el rojo*. Letras Cubanas, 2001.
- IANNI, Octavio; KAPLAN, Marcos. *América Latina y Estados Unidos: relaciones políticas internacionales y dependencia*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1973.
- MARTINS, Luís Carlos dos Passos; LIEBEL, Vinícius. *A Revolução Cubana e sua Recepções: Imprensa e Academia*, 2015.
- MOREIRA, Luiz Felipe Viel; QUINTEIROS, Marcela Cristina; SILVA, André Luiz Reis. *As Relações Internacionais da América Latina*. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.
- PAZ, Juan Valdés. A revolução agrária cubana: conquistas e desafios. *Estudos Avançados*, v. 25, n. 72, 2011.
- PÉREZ-STABLE, Marifeli. *The Cuban revolution: Origins, course, and legacy*. New York: Oxford University Press, 1993.
- SADDI, Rafael. *O Ascetismo Revolucionário do Movimento 26 de Julho*. 2009.
- SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos. A revolução cubana e as representações sociais de gênero. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 14, 2013.
- SLOBODA, Pedro Muniz Pinto. *O Embargo a Cuba à Luz do Direito Internacional. O Direito em Movimento*. Juiz de Fora: Editar, p. 92, 2015.
- SOARES, Eliane. *O processo político da revolução nacional-democrática e o socialismo na América Latina: um estudo comparativo sobre os programas da Revolução Cubana de 1959 e da Revolução Bolivariana da Venezuela*. 2008.